

POR UMA ORIENTAÇÃO FILOSÓFICA NÍTIDA E SEGURA: UM ESTUDO DO DISCURSO PEDAGÓGICO DE THEOBALDO MIRANDA SANTOS

FOR A CLEAR AND SAFE PHILOSOPHICAL ORIENTATION: A STUDY OF THE PEDAGOGIC DISCOURSE OF THEOBALDO MIRANDA SANTOS

Rodrigo Augusto de Souza¹

Resumo: Neste trabalho procuramos apresentar uma Análise do Discurso pedagógico de Theobaldo Miranda Santos (1904-1971). Fundamentando-nos no estudo do seu livro *Filosofia da Educação: Os Grandes Problemas da Pedagogia Moderna*, publicado em 1942, investigaremos a formação discursiva presente nessa obra. Como intelectual ligado ao campo da educação católica, Theobaldo teve uma atuação marcante também na escola pública, principalmente em cargos administrativos. Sob a perspectiva da Análise do Discurso, tomaremos por objeto de pesquisa a “advertência” escrita por ele na apresentação de seu livro. Buscamos identificar o gênero discursivo presente nesse relato e a constituição de um discurso pedagógico católico em vias de consolidação.

Palavras-chave: História da Educação, discurso pedagógico, Theobaldo Miranda Santos.

Introdução

A pedagogia foi objeto de estudo de muitos pesquisadores do campo da Análise

Abstract: In this paper we present an analysis of the pedagogic discourse of Theobaldo Miranda Santos (1904-1971). Based on the study of his book, *Filosofia da Educação: Os Grandes Problemas da Pedagogia Moderna*, published in 1942, we will investigate the discursive formation present in this work. As an intellectual in the field of catholic education, Theobaldo also had an outstanding performance success in public school, especially in administrative positions roles. From the perspective of discursive analysis, we will search for the object “warning” written by him in the presentation of his book. We will try to identify the gender discourse question in this report and the establishment of a catholic educational discourse in the process of consolidation.

Keywords: History of Education, Pedagogic Discourse, Theobaldo Miranda Santos.

do Discurso. Autores como Maingueneau (1989), Foucault (2010) e Bourdieu (2008), na área da sociolinguística, ocuparam-se do tema da educação ligado à análise do discurso.

¹ Doutorando em Educação pela UFPR. Mestre em Educação pela PUCPR.

POR UMA ORIENTAÇÃO FILOSÓFICA NÍTIDA E SEGURA: UM ESTUDO DO DISCURSO PEDAGÓGICO DE THEOBALDO MIRANDA SANTOS

Na compreensão de Foucault, a educação trabalha com a *palavra ritualizada*. A escola seria um “ritual da palavra” com base na instituição, onde funcionaria o *mercado pedagógico* da troca de sentidos entre os agentes, formando uma verdadeira economia simbólica e discursiva. E por que não dizer, um jogo de poder e subjetivação. A educação seria “uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”².

Devemos levar em consideração que o termo “escola” não é unívoco. “Ele remete a um só tempo a uma instituição, a práticas, a lugares... à escola que se legitima ao enunciar – é tudo isto ao mesmo tempo”³. Segundo esta visão, não podemos separar o discurso pedagógico da *enunciação escolar*, isto é, de uma instituição que procura alcançar sua legitimidade e exercer sua autoridade pela via do discurso. Para Maingueneau, a formação discursiva está relacionada a uma comunidade discursiva, onde se torna possível o surgimento do discurso. Neste sentido, é correto afirmar que a escola produz discursos, uma vez que ela possui rituais da palavra que são institucionalizados, principalmente por meio de seus livros e manuais didáticos.

Em nosso estudo, trataremos do discurso pedagógico presente na obra *Filosofia da Educação: Os Grandes Problemas da Pedagogia Moderna*, de Theobaldo Miranda Santos. Analisaremos apenas o prefácio, nomeado pelo autor como “advertência”. Publicado em 1942, o livro de Theobaldo marca o início de uma intensa atuação literária e pedagógica. Podemos afirmar que, com esse livro, começa um

verdadeiro “apostolado” de Theobaldo Miranda Santos. É sua inserção naquilo que Bourdieu chamou de “campo literário”. Autor de muitas obras de cunho pedagógico e educacional, o intelectual terá uma marcante inserção entre os defensores da “educação católica”. Cabe ainda ressaltar o aspecto do livro ou manual didático como um lugar de institucionalização da palavra. O livro é a palavra que foi institucionalizada. Foi produzido por um personagem que escreveu um discurso “digno” de ser publicado. Alguém, portanto, que tem *autoridade* e foi *instituído* para tal. São esses aspectos que procuraremos desenvolver no decorrer de nosso trabalho.

O Discurso Pedagógico

Na visão de Foucault, a escola é a instituição por meio da qual os indivíduos em nossa sociedade tomam contato com os discursos estabelecidos. O discurso possui uma *vontade de verdade* e por isso se apóia sobre um suporte institucional, que o reforça e o reconduz a conjuntos de práticas “como a pedagogia, é claro, como o sistema dos livros, da edição, das bibliotecas, como as sociedades dos sábios de outrora, os laboratórios de hoje”⁴. Desta forma, essas práticas são instrumentos a serviço do discurso defendido e pronunciado pela instituição.

Sentado em uma sala de aula iluminada e arejada, envolvido em uma organização de práticas, de ritmos escolares cuidadosamente regrados, o aluno é, de alguma forma, atravessado pela evidência de um discurso que se incorpora a seu modo de vida. Não é apenas através de efeitos textuais que o discurso produz uma cena enunciativa eficaz, mas por sua

² FOUCAULT, Michel. *A Ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2010, p. 44.

³ MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1989, p. 63.

⁴ FOUCAULT, Michel. *A Ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2010, p.17.

inscrição em uma comunidade, correlato do discurso.⁵

Mainueneau trabalha com uma diferença entre *enunciação pedagógica* e discurso. Segundo seu entendimento, o discurso vem autorizar a enunciação, para que ela seja, de fato, legitimada pela instituição. De acordo com Bakhtin (2009), para a Análise do Discurso a enunciação é mais importante do que a classificação linguística das palavras. Uma vez que o discurso está centrado no efeito de sentido causado entre locutores, ou, entre enunciador e enunciatário, a atenção se volta, dessa forma, para o modo de pronúncia, a enunciação. Na definição de Bakhtin, “há um abismo entre o discurso e a sintaxe”. Isso mostrou as especificidades próprias da análise do discurso frente à linguística.

Na afirmação de Mainueneau temos presente a complexidade do discurso pedagógico. Ele não se restringe apenas aos “efeitos textuais”, mas também a toda uma estrutura física, comportamental e ritual presente na escola. O educador brasileiro Anísio Teixeira (1900-1971) entendia que “a arquitetura da escola revela a sua filosofia da educação”, ou seja, até a arquitetura escolar é um discurso. Isso se desdobra para todos os rituais escolares, as práticas pedagógicas, os uniformes e toda forma de disciplina, principalmente no controle do corpo dos indivíduos.

Os estudos de Gondra (2008) e Araújo (2002) evidenciam a aplicação do pensamento de Michel Foucault no campo da educação. A escola aparece como *instituição doutrinária* produtora e legitimadora de discursos, ao mesmo tempo em que confere autorização para que os

sujeitos ou agentes se pronunciem em seu nome. Outro aspecto que merece ser destacado é o caráter *disciplinador* da escola. A educação está a serviço da “disciplina” dos sujeitos. Ela se traduz na subjetivação do sujeito, isto é, na sua negação ou privação. Foucault (2007) tratou da formação dos “corpos dóceis”, disciplinados e educados segundo os discursos preestabelecidos e tidos como verdadeiros. Toda disciplina, na visão foucaultiana, chega ao controle dos corpos.

A escola funciona como operador de pedagogização, pois reúne a capacidade de habilitar com recursos educacionais básicos a criança e o jovem, com a capacidade de fornecer mecanismos e instrumentos pedagógicos que asseguram obediência, responsabilidade, prontidão, docilidade, adaptabilidade. Esses mecanismos são, por exemplo, a fila, a carteira, o treino para a escrita, os exercícios com dificuldades crescentes, a repetição, a presença num tempo e num espaço recortados, a punição pelo menor desvio de conduta, a vigilância por parte de um mestre ou de um monitor, as provas, os exames, os testes de aprendizagem e de recuperação, o treinamento dentro de normas e padrões fixos. E mais, os resultados dos esforços pedagógicos sendo permanentemente avaliados por critérios também eles padronizados, leva a uma simples análise de boletins, que sirva para medir os casos que desviam, portanto, serve para marcar, excluir, normalizar.⁶

A escola tem, portanto, na compreensão de Foucault, lugar na sociedade disciplinar. Ela torna os indivíduos objetos de análise e de correção. Por isso, tem um discurso de poder. Isso sem falar nas chamadas ciências da

⁵ MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1989, p.64.

⁶ARAÚJO, Inês Lacerda. Da “pedagogização” à educação: acerca de algumas contribuições de Foucault e de Habermas para a filosofia da educação. *Revista Diálogo Educacional* v.3, n.7. Curitiba: Champagnat, 2002, p. 79.

educação, sobretudo a psicologia. Estão a serviço desse poder de disciplinar os corpos dos indivíduos, ou seja, o esforço em torná-los dóceis e “bem educados”.

Bourdieu (2008) apontou para a existência de um mercado escolar que estaria a serviço de uma economia simbólica. A escola reproduz e acentua ainda mais as desigualdades presentes na sociedade. Produz discursos dignos de serem “ouvidos, acreditados e obedecidos”⁷. O sociólogo francês nos lembrou que existe “uma *economia* das instituições de produção de bens culturais. Nessa direção, basta mencionar, por exemplo, a *indústria cultural* orientada para a produção dos bens, serviços e de instrumentos de correção linguística (entre outros, a edição de manuais, gramáticas, dicionários, guias de correspondência, seletas de “textos modelares”, livros infantis etc.)”⁸. De acordo com Bourdieu, na França, a escola desempenhou um papel fundamental na formação do francês como língua oficial do país e na supressão ou desconsideração dos dialetos como língua legítima. Nesse sentido, a escola se apresenta como modo de *normatizar, codificar e autorizar* a língua e os demais conhecimentos, segundo os interesses dos detentores do capital cultural. “A exemplo da sociologia da cultura, a sociologia da linguagem é logicamente indissociável de uma sociologia da educação”⁹. A posse do conhecimento implica na busca do *reconhecimento*, social e cultural, que confere poder ao agente no campo literário ou intelectual para ditar as regras do mercado linguístico e também escolar.

O Manual Didático

As reflexões de Maingueneau e Charaudeau (2008) levam em conta o discurso didático presente nos livros escolares. O discurso didático integra o conjunto dos *discursos segundos*, isto é, aqueles que se colocam como derivados dos *discursos primeiros* (os discursos de pesquisa que visam produzir conhecimentos novos num domínio de referência precisa). Não deve ser confundido com o *discurso de vulgarização*, pois tem um objetivo pragmático, que é fazer que o outro aprenda e isso vai além do fazer-saber. Visa aumentar o conhecimento do outro e é produzido em um quadro de grande coerção institucional, uma vez que os produtores são coagidos a avaliar quantitativamente e qualitativamente os resultados da transmissão (o que foi aprendido).

Para os analistas do discurso, o conhecimento discursivo presente na didática se concentra na divulgação das teorias científicas. Ele está ao lado de outros discursos segundos, como os discursos de vulgarização e os discursos midiáticos. Os autores nos lembram que “nem todos os discursos da didática são didáticos”. Precisamos distinguir os discursos didáticos dos discursos de instrução, que são por sua vez, discursos prescritivos. Há um “mercado”, na definição de autores como Foucault (2010) e Bourdieu (2008), que mostra as interações da “oferta e procura da explicação”.

Mas que ninguém se deixe enganar; mesmo na ordem do discurso verdadeiro, mesmo na ordem do discurso publicado e livre de qualquer ritual, se exercem ainda formas de apropriação de segredo e de não-permutabilidade. É bem possível que o ato de escrever tal como está hoje institucionalizado no livro, no sistema de edição e no personagem do escritor, tenha

⁷ BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas linguísticas*. São Paulo: EDUSP, 2008, p. 60.

⁸ *Ibid.*, p. 48.

⁹ *Ibid.*, p. 49.

lugar em uma “sociedade do discurso” difusa, talvez, mas certamente coercitiva.¹⁰

Na compreensão de Foucault, as “doutrinas” constituem o universo da “sociedade do discurso”. Há, portanto, uma estreita relação dos saberes, das teorias científicas e pedagógicas com a instituição que os produz. As “sociedades do discurso” estão alicerçadas em suas “doutrinas” e permitem que os discursos circulem na medida em que estes afirmem suas “verdades”, autoridade e poder.

Em seu livro intitulado *Noções de História da Educação*, Theobaldo Miranda Santos assim retratou o seu trabalho: “O objetivo deste compêndio é examinar as doutrinas pedagógicas e as instituições educativas em seu desenvolvimento histórico”.¹¹ Temos o vínculo entre as doutrinas pedagógicas e as instituições. Foucault nos apresentou a proximidade existente entre as doutrinas e as “sociedades do discurso”. Por outras palavras, entre os enunciados e os discursos, e os sujeitos (agentes) e as instituições. As doutrinas seriam, na linguagem de Bourdieu, produtos do mercado linguístico e simbólico. Produzidos por aqueles que são donos do capital cultural.

A doutrina questiona os enunciados a partir dos sujeitos que falam, na medida em que a doutrina vale sempre como sinal, a manifestação e o instrumento de uma pertença prévia – pertença de classe, de status social ou de raça, de nacionalidade ou de interesse, de luta, de revolta, de resistência ou aceitação. A doutrina liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbe, conseqüentemente todos os outros [...]. A

doutrina realiza uma dupla sujeição: dos sujeitos que falam aos discursos e dos discursos ao grupo.¹²

A escola, ao contar com todo o seu aparato pedagógico, no qual os livros e manuais ocupam um lugar fundamental, cumpre uma função de “doutrinar” e “disciplinar”, segundo as ideias foucaultianas. Busca criar a situação de “pertencimento” ou subordinação dos indivíduos a uma determinada condição cultural ou social, sempre sob tutela de uma instituição. Podemos ressaltar também o aspecto ideológico do discurso, uma vez que ele não é neutro, mas busca convencer seus destinatários de uma suposta “verdade”. Muito teria a contribuir os estudos de Bakhtin (2009) e Fiorin (2000) sobre a incidência da ideologia sobre a linguagem e sua importância para a análise do discurso. No manual didático estudado por este trabalho, temos a filiação doutrinária de Theobaldo Miranda Santos ao “realismo cristão”. Mais adiante trataremos de algumas características dessa doutrina.

Maingueneau (1989) chamou a atenção para a *instituição mediadora* do discurso, quer dizer, o mundo da imprensa, os processos de editoração, o jornalismo e todas as outras formas destinadas para divulgar os discursos estabelecidos. Muitas vezes elas conferem um sentido e até mesmo manipulam o enunciado discursivo segundo seus interesses.

O Problema do Autor

Para Orlando Filho (2008), a trajetória de vida de Theobaldo Miranda Santos acompanha o processo de resignificação do papel da Igreja Católica na sociedade brasileira a partir da década de 1940. O autor nasceu em Campos, no estado

¹⁰ FOUCAULT, Michel. *A Ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2010, p. 40

¹¹ SANTOS, Theobaldo Miranda. *Noções de história da educação*. 9 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960, p. 18.

¹² FOUCAULT, Michel. *A Ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2010, p. 43.

POR UMA ORIENTAÇÃO FILOSÓFICA NÍTIDA E SEGURA: UM ESTUDO DO DISCURSO PEDAGÓGICO DE THEOBALDO MIRANDA SANTOS

do Rio de Janeiro, em 1904. Iniciou seus estudos no Liceu de Humanidades e na Escola Normal Oficial, onde realizou o curso primário e secundário, terminando sua formação em 1920. Deu início ao curso de Odontologia e Farmácia, no Colégio Metodista Grambery, de Juiz de Fora. Concluída sua formação, dedicou-se à carreira de professor na Escola Normal de Manhuaçu, também em Minas Gerais. A partir de 1928 retornou a Campos, e passou a lecionar aulas de física, química e história natural no Liceu de Humanidades. No Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, nesse mesmo período, Theobaldo ensinou História da Civilização. Em Campos, tornou-se professor catedrático na Escola Superior de Agricultura e Veterinária, ministrando aulas de História Natural. Ainda em sua cidade natal, foi docente na Faculdade de Odontologia e Farmácia, onde lecionou Ortodontia e Odontopediatria.¹³

Na tese de Orlando José de Almeida Filho, que já citamos em nosso trabalho, há um cuidadoso exame da vida e da obra de Theobaldo Miranda Santos. Antes de publicar seus livros e manuais, Theobaldo iniciou, em 1932, seu trabalho como escritor redigindo artigos para jornais da região de

Campos e Niterói. Transferiu-se, em 1938, para Niterói, onde passou a ensinar História Natural no Instituto de Educação, a convite do secretário de Educação do Rio de Janeiro. Foi nomeado professor de Prática de Ensino na Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro, que foi extinta na ditadura de Getúlio Vargas. Atuou como

professor no curso de Pedagogia na Escola de Serviço Social e ensinou Física no Colégio Nossa Senhora de Sion, do Rio de Janeiro, na década de 1940.

Em 1941, durante a ditadura do Estado Novo, foi diretor do Departamento de Educação Técnico-Profissional e, em 1942, diretor geral do Departamento de Educação Primária da Prefeitura do Rio de Janeiro. Nesse período, aliado às demais funções, era professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, recém fundada. No ano de 1944 candidatou-se ao concurso e obtém aprovação para a cátedra de Filosofia da Educação, no Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Aposentou-se em 1958, se dedicando a escrever e revisar seus livros e manuais até a sua morte, em 1971.

O professor Theobaldo Miranda Santos teve uma vasta produção intelectual, escrevendo muitas obras que foram publicadas principalmente pela “Companhia Editora Nacional”. Atuou nas seguintes coleções da editora: “Atualidades Pedagógicas”, “Curso de Filosofia e Ciências”, “Curso de Psicologia e Pedagogia” e “Iniciação Científica”. Publicou muitos manuais didáticos, todos obedecendo a um rigor preciso e a uma cuidadosa sistematização.

Ainda no trabalho de Orlando Filho, há a referência da dissertação de mestrado de Maria Helena de Jesus Silva Morais, com o título: “*Da pedagogia que ‘pegou de galho’ a uma pedagogia cristã nova e brasileira: Theobaldo Miranda Santos (1904-1971) e seus manuais didáticos*”, defendida na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, no ano de 2004. A pesquisa de Morais (2004) é outra importante fonte de pesquisa nesse tema.

A pesquisa de Roberlayne de Oliveira Borges Roballo, apresentada como

¹³ ALMEIDA FILHO, Orlando José de. *A estratégia da produção e circulação católica do projeto editorial das coleções de Theobaldo Miranda Santos: (1945-1971)*. 368f. 2008. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, História, Política e Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008, p. 6.

sua dissertação de mestrado: *“História da Educação e a Formação de Professoras Normalistas: As Noções de Afrânio Peixoto e de Theobaldo Miranda Santos”*, defendida em 2007, na Universidade Federal do Paraná, é outra fonte para o estudo do tema. O trabalho traz uma abordagem mais detalhada sobre a análise dos manuais didáticos. A pesquisa considera, entre outras questões, o tema da formação docente e da escrita da história.

O nosso estudo está em sintonia com as pesquisas que tratam da análise dos manuais didáticos, em especial, as obras dedicadas à história da educação. A ideia principal é “desmistificar” o manual, mostrar suas determinações históricas, suas opções ideológicas e, ao mesmo tempo, perceber como a sua análise nos permite a compreensão da educação em um dado período histórico. Para Morgado (2004), os manuais de ensino por muito tempo foram inquestionáveis e detentores de uma suposta verdade infalível. Não podemos negar que eles prestaram uma valiosa contribuição ao conhecimento. Com suas pretensões universais, muitos deles são excelentes sistematizações das ciências e dos saberes produzidos pelo homem ao longo da história. No entanto, é preciso também problematizá-lo, investigar os seus limites e identificar suas incoerências internas. Nenhum manual didático é “neutro”, isento de qualquer ideologia ou intencionalidade. Essa parece ser uma dimensão ainda pouco estudada no campo da análise de manuais de ensino.

Apresentados esses dados biográficos fundamentais, a partir das pesquisas citadas, investigamos também a obra *Noções de História da Educação*. Na abertura do livro está a seguinte afirmação sobre Theobaldo Miranda Santos: *“Professor catedrático do Instituto de*

Educação, da Faculdade de Filosofia Santa Úrsula e da Universidade Católica do Rio de Janeiro”. Há uma preocupação em descrever Theobaldo como professor de instituições católicas. Como se pode notar em sua trajetória de vida, o educador esteve sempre ligado às escolas e instituições de ensino da Igreja Católica.

Outro aspecto importante em sua vida foi a atuação nas instituições públicas, ora por indicação política e, posteriormente, por concurso público. Sabemos que esse período é caracterizado pela tentativa de inserção das aulas de religião na escola pública. A Igreja tinha duas posturas fundamentais em relação à escola pública, um lado a oposição, principalmente os Bispos do Rio Grande do Sul, liderados pelo Bispo Dom João Becker e posteriormente pelo cardeal Dom Vicente Scherer; o outro lado, movido pelo ideais da Ação Católica, queria aproveitar a escola para conseguir novos fiéis, grupo incentivado por Dom Sebastião Leme, então Arcebispo do Rio de Janeiro.

Compreendendo a figura de Theobaldo Miranda Santos como intelectual católico, fica evidente seu vínculo com a Ação Católica. Muitos intelectuais integravam esse grupo que visava levar os princípios do catolicismo para a vida social. A Ação Católica foi responsável pela fundação da Universidade Católica do Rio de Janeiro, atual PUC/RJ, atendendo ao pedido de Dom Sebastião Leme. Nesse período também é inaugurada a estátua do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, símbolo máximo da “restauração” católica no Brasil. É interessante analisar a relação de Dom Sebastião Leme com a ditadura de Getúlio Vargas. Em algumas ocasiões o Arcebispo atuou como “mediador” de conflitos do governo.

POR UMA ORIENTAÇÃO FILOSÓFICA NÍTIDA E SEGURA: UM ESTUDO DO DISCURSO PEDAGÓGICO DE THEOBALDO MIRANDA SANTOS

Do ponto de vista discursivo, a figura do autor é muito discutida. Não podemos pensar em um sujeito autônomo que confere sentido de acordo com sua própria escolha ao discurso, pelo contrário, devemos buscar as coerções do sujeito. O mais correto seria falar de *função autoral*, como sustenta Foucault (2010). Lembra-nos Foucault que “o autor, não entendido, é claro como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio organizador do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência”.¹⁴ A perspectiva da Análise do Discurso confere novas prerrogativas para o autor, ele passa a ser visto a partir de sua função, uma espécie de porta-voz do grupo social e da instituição na qual está inserido, podendo, em certo sentido, “burlar” as regras do discurso, mas certamente submisso a elas. Com base na ideia de Foucault, podemos falar da função do autor, aquele que organiza e oferece uma lógica ao discurso. Nesse sentido, convém perguntar sobre a função de Theobaldo Miranda Santos dentro da sociedade discursiva na qual esteve inserido.

Para Fiorin, o autor assume o *status* de enunciador, e por isso ele está diretamente vinculado com a ideologia, como fica evidente a seguir:

O enunciador é suporte da ideologia, vale dizer, de discursos, que constituem a matéria-prima com que elabora seu discurso. Seu dizer é a reprodução inconsciente do dizer de seu grupo social. Não é livre para dizer, mas coagido a dizer o que o seu grupo já diz. [...] O discurso é o lugar das coerções sociais. [...] Um plano de manifestação individual é que veicula um plano de conteúdo social. Assim, o discurso simula ser

individual para ocultar o que é social. [...] O homem coagido, determinado, aparece como criatura absolutamente livre de todas as coerções sociais.¹⁵

De acordo com Bakhtin, o enunciador pode ser comparado também ao locutor, àquele que profere a fala ou o discurso:

A consciência subjetiva do locutor não se utiliza da língua como de um sistema de formas normativas. O sistema lingüístico é o produto de uma reflexão sobre a língua, reflexão que não procede da consciência do locutor nativo e que não serve aos propósitos imediatos da comunicação. Na realidade, o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala).¹⁶

A compreensão do autor, segundo a visão discursiva, remete às coerções do sujeito. Não há um sujeito absolutamente livre, tampouco podemos afirmar a expressão criadora do autor como atribuição apenas de seu espírito. O autor assume as conotações de um enunciador, ou locutor, segundo a compreensão de Bakhtin. O sujeito, em sua liberdade tolhida, possui essa vontade de verdade, como sustenta Foucault. Em termos do que propõe Bourdieu, isso se torna uma tentativa de nomear e classificar. O agente que fala, no fundo, revela sua ânsia por dizer o que o mundo é, ao realizar essa operação, ele manifesta um poder delegado, sua instituição como locutor, ao mesmo tempo em que procura classificar e realizar uma distinção no plano sócio-cultural.

Todo agente social aspira, na medida de seus meios, a este poder de nomear e de

¹⁴ FOUCAULT, Michel. *A Ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2010, p. 26.

¹⁵ FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 2000, p. 42.

¹⁶ BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2009, p. 95.

constituir o mundo nomeando-o: mexericos, calúnias, maledicências, insultos, elogios, acusações, críticas, polêmicas, louvações, são apenas a moeda cotidiana dos atos solenes e coletivos de nomeação, celebrações ou condenações de que se incumbem as autoridades universalmente reconhecidas.¹⁷

Segundo Bourdieu, o autor assume a função de *porta-voz* da instituição, uma vez que não pode ser compreendido distante do seu lugar social e do grupo que lhe autoriza a pronunciar o seu discurso. Trata-se de uma espécie de *magia social* na realização do discurso. Nesse sentido, o autor é o “grupo feito homem” e “personifica uma pessoa fictícia”. O agente “recebe o direito de falar e agir em nome do grupo”. Ele “encarna o grupo” e oferece assim um “corpo biológico a um corpo constituído”.¹⁸ Isso nos oferece a possibilidade de pensar Theobaldo Miranda Santos como o porta-voz de um grupo e/ou de uma instituição. Seu vínculo nitidamente perceptível com o pensamento católico nos permite identificar as coerções que sofreu e as condições de autorização do seu discurso.

Já na década de 1920, Gramsci (2007), analisava o surgimento da “Ação Católica” na Itália, movimento ligado à renovação da Igreja que visava levar os princípios do catolicismo para a vida social, principalmente pela atuação do laicato. No Brasil, esse movimento também teve seus partidários. Liderados por Alceu Amoroso Lima (1893-1983), e com o amplo apoio da hierarquia católica, os intelectuais se colocaram a serviço da Igreja em diversos setores da sociedade, principalmente no campo da educação. Na acepção de Gramsci (2006), Theobaldo foi um “médio intelectual”, isto é, um intelectual de

divulgação¹⁹, autor de manuais didáticos, que compilava sua produção de outros manuais, geralmente estrangeiros. Com Chartier (1998), acreditamos que: “manuscritos ou impressos, os livros são objetos cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos de que podem ser investigados e as apropriações às quais são suscetíveis”.²⁰ Outro foco de estudo seria problematizar a produção intelectual do autor a partir dos conceitos de escrita, leitura, apropriação e representação. De acordo com Cunha (2007), é possível identificar uma “desleitura” do autor. Há casos em que um intelectual é mais “deslido”, do que lido, entendido e apropriado.

O aspecto do pensamento pode ser entendido na perspectiva da história intelectual, tal como é defendida por Vieira (2008), no diálogo entre as ideias de Antonio Gramsci e de Pierre Bourdieu, considerando os elementos históricos, culturais e intelectuais como fatores importantes na compreensão do pensamento de Theobaldo Miranda Santos e de seus manuais de filosofia da educação.

O Discurso em Questão

Em nosso trabalho, investigamos por uma perspectiva discursiva, a “advertência” escrita por Theobaldo Miranda Santos na introdução de seu livro *Filosofia da Educação: Os Grandes Problemas da*

¹⁷ BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas linguísticas*. São Paulo: EDUSP, 2008, p.82.

¹⁸ *Ibid.*, p. 83.

¹⁹ Acreditamos que a definição de Gramsci acerca dos intelectuais nos auxilia no entendimento de Theobaldo Miranda Santos como intelectual de divulgação. No entanto, afirmamos que a perspectiva que procuramos seguir em nosso trabalho é a Análise do Discurso, em diálogo com outros autores que também trataram dos temas suscitados nessa reflexão.

²⁰ CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*. 2 ed. Brasília: Editora UNB, 1998, p. 8

POR UMA ORIENTAÇÃO FILOSÓFICA NÍTIDA E SEGURA: UM ESTUDO DO DISCURSO PEDAGÓGICO DE THEOBALDO MIRANDA SANTOS

Pedagogia Moderna, publicado em 1942, pelas Edições Boffoni, do Rio de Janeiro. De acordo com Maingueneau, precisamos identificar os gêneros dos discursos presentes na enunciação. “Falar em ‘discurso polêmico’, de ‘editorial’, de ‘diálogo’, de ‘discurso científico’, de ‘panfleto’, etc.”.²¹ Para o nosso entendimento, o discurso pedagógico de Theobaldo transitou entre o “editorial” e o “diálogo”. Lembramos ainda, como já afirmamos anteriormente, os livros e manuais didáticos são um *discurso segundo*, na definição de Maingueneau e Charaudeau (2008). Eles estão próximos dos discursos de vulgarização, da divulgação da “pesquisa científica” e também do discurso midiático.

No início de seu manual de filosofia da educação, Theobaldo procurou mostrar um mecanismo de *negociação* ao inserir o seu “produto” no mercado linguístico. Afirmou o autor: “Este pequeno livro não tem pretensão de originalidade. Nada mais representa do que um sumário, simples e modesto, dos principais problemas filosóficos da educação, analisados à luz do realismo cristão”.²² O autor deixou claro que seu livro é um instrumento de divulgação, um discurso segundo, próximo do mundo da imprensa e da “vulgarização”. O livro tem a intenção de “divulgar a pesquisa científica”, filosófica e educacional. A “voz” utilizada pelo autor está em uma disposição para o diálogo e a negociação. Theobaldo buscou validar e legitimar seu discurso diante das forças simbólicas do mercado linguístico.

A definição da relação das forças simbólicas constitutivas do mercado pode

tornar-se objeto de *negociação* dando margem a que o mercado possa ser manipulado, em certos limites por um metadiscurso girando em torno das condições de utilização do discurso: por exemplo, as expressões servem para introduzir ou desculpar uma fala demasiado livre ou chocante (“se me permitem”, “se me concedem a palavra”, “com sua licença”, “com o devido respeito” etc.) ou aquelas que reforçam enunciando-a explicitamente, a franqueza que caracteriza um mercado particular (“aqui entre nós”, “estamos em família” etc.).²³

O autor utiliza o *metadiscurso*, indicado para validar e autorizar o seu discurso no campo literário e intelectual. À primeira impressão, o termo usado por Theobaldo para introduzir seu livro parece demonstrar uma posição de desvantagem no mercado linguístico. A expressão “pequeno livro”, aparenta pouca força no campo intelectual. Mais adiante, o autor utilizou as palavras “sumário, simples e modesto”. Temos o apelo a um metadiscurso para legitimar sua produção. Ao contrário do que possa parecer, Theobaldo Miranda Santos produziu um discurso “digno” de ser publicado e editado. Ele foi autorizado a pronunciar tal discurso. Trata-se, portanto, como bem mostrou Bourdieu, de um *mecanismo de negociação* para introduzir o discurso.

O vínculo do autor com a doutrina “realismo cristão” evidencia sua ligação com as “sociedades do discurso”, como nos apresentou Foucault e também com as instituições que permitem a difusão e a circulação dos discursos. Entendemos o “realismo religioso, do qual o tipo principal é a escolástica, como a Filosofia oficial da

²¹ MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1989, p. 35.

²² SANTOS, Theobaldo Miranda. *Filosofia da educação: os grandes problemas da pedagogia moderna*. Rio de Janeiro: Edições Boffoni, 1942, p. 7.

²³ BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas linguísticas*. São Paulo: EDUSP, 2008, p.58.

Igreja Católica Romana”.²⁴ Em outros termos, o “realismo cristão” é o vínculo com o *tomismo*, a filosofia cristã de Tomás de Aquino. Assim, compreendemos a ligação de Theobaldo com uma instituição, no caso a Igreja Católica, entendida também como uma “sociedade do discurso”.

Maingueneau (1989) ressaltou que o discurso precisa preencher alguns requisitos. Devemos levar em conta a *ordem jurídica* e a *noção de contrato*. São “as convenções que regulam institucionalmente as relações entre os sujeitos permitindo um estatuto de atividade para a linguagem”.²⁵ O contrato implica o reconhecimento mútuo entre enunciador e enunciatário. O discurso tem de ser ouvido, aceito e acreditado. A *cenografia* é outro aspecto importante, que pode ser entendido também como o *contexto semiótico*. No discurso a *cena* e o *lugar* igualmente fazem parte de sua constituição. O conceito de “dêixis” é utilizado para definir as categorias espaço-temporais de um discurso. De acordo com Maingueneau, as características da dêixis são: o **locutor** e o **destinatário discursivo**, a **cronografia** e a **topografia**.

No caso de Theobaldo Miranda Santos, cabe-nos indagar se o discurso presente na “advertência” do seu manual de filosofia da educação não estava sofrendo algum tipo de *censura* ou *autocensura*. Bourdieu nos lembrou que a produção linguística está sujeita às sanções do mercado. “Quaisquer expressões verbais, desde as frases trocadas entre dois amigos, do discurso solene de um porta-voz autorizado, até um relatório científico, ostentam a marca de suas condições de

recepção”. A formação discursiva e textual está repleta de signos linguísticos que recebem um “preço” no mercado por parte daqueles que exercem o poder. “O mercado fixa o preço de um produto linguístico que a antecipação prática deste preço contribuiu para determinar a sua natureza e, portanto, em seu valor objetivo; e por outro lado, a relação prática com o mercado (traquejo, timidez, tensão, embaraço, silêncio, etc.)”.²⁶ Esse parece ser o caso de Theobaldo. A sua “advertência”, apesar de ser autorizada e “digna” de ser publicada, através de um suporte institucional, demonstra “embaraço” ou “constrangimento” diante do mercado linguístico. Sua condição transita do *diálogo* e a *negociação* para o *embaraço* e o *constrangimento*. Há, portanto, elementos que caracterizam a censura do sujeito que pronuncia o discurso.

O manual didático de Theobaldo se originou com base nas aulas que ele mesmo desenvolveu. “Sua elaboração resultou de resumos de aulas de filosofia da educação, ministradas às alunas do curso de pedagogia da Faculdade de Filosofia de Santa Úrsula, durante o ano letivo de 1941”.²⁷ Temos um discurso que surgiu da oralidade para a escrita ou para ser impresso. Para Maingueneau e Charaudeau (2008), “essa é uma das distinções mais importantes em Análise do Discurso, já que ela diferencia *a priori* todos os *corpora* possíveis. Longe de ser unívoca, ela se encontra como ponto de convergência de múltiplas problemáticas”.²⁸ Existe o problema do “dialogal”, via oralidade e o “monologal”, por meio do

²⁶ BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas linguísticas*. São Paulo: EDUSP, 2008, p.65.

²⁷ SANTOS, Theobaldo Miranda. *Filosofia da educação: os grandes problemas da pedagogia moderna*. Rio de Janeiro: Edições Boffoni, 1942, p. 7.

²⁸ MAINGUENEAU, Dominique & CHARAUDEAU, Patrick. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 203.

²⁴ KNELLER, George F. *Introdução à filosofia da educação*. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970, p. 57.

²⁵ MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1989, p. 30.

POR UMA ORIENTAÇÃO FILOSÓFICA NÍTIDA E SEGURA: UM ESTUDO DO DISCURSO PEDAGÓGICO DE THEOBALDO MIRANDA SANTOS

texto escrito. Isso faz muita diferença em análise do discurso. Os *elementos não-verbais do discurso* ficam ignorados na escrita. Precisamos recuperá-los para entender o efeito de sentido daquele discurso em seu tempo histórico. Os destinatários do discurso aparecem no texto “às alunas do curso de pedagogia da Faculdade de Filosofia de Santa Úrsula”. No entanto, isso se deu pela oralidade, no decorrer das aulas. Já pela forma escrita, os destinatários se ampliam para uma gama muito maior de possibilidades. É possível também fazer uma leitura sobre o poder do discurso do homem sobre a mulher, uma vez que o texto remete “às alunas do curso de pedagogia”, considerando a “feminização” da docência.

Sabemos que Theobaldo deixou bem definida a sua filiação ideológica, nos termos defendidos por Bakhtin (2009) e Fiorin (2000). A adesão de sua produção discursiva ao “realismo cristão” ficou muito clara. Foi, inclusive, apresentada pelo próprio autor. Por outro lado, o vínculo institucional fica mais perceptível quando ele mostrou o surgimento de sua obra a partir das aulas de filosofia da educação no curso de pedagogia da Faculdade de Santa Úrsula. Trata-se de um discurso realizado por um professor, no contexto de uma sala de aula (a cena) e em uma Instituição de Ensino Superior, identificando sua coerção institucional. Apesar disso, Theobaldo tentou legitimar e autorizar o seu discurso. Ele mostrou *autoridade* para se pronunciar sobre os “grandes problemas da pedagogia moderna”.

Essa autorização se confirma no parágrafo segundo de sua advertência, quando ele afirmou: “Absorvido pelas atividades do magistério e da administração, não me sobrou tempo para desenvolver mais profundamente esses resumos. Daí o caráter

sintético e esquemático deste compêndio”.²⁹ Nos termos de Bourdieu (2009), temos aqui um posicionamento de Theobaldo no campo intelectual: o *magistério*, sua ligação com as instituições de ensino, e a *administração*, estreita relação com a esfera da vida política. No período em que redigiu seu manual de filosofia da educação, Theobaldo Miranda Santos era secretário de educação do Rio de Janeiro, então Distrito Federal (ALMEIDA FILHO, 2008). A obra é de autoria de um educador, ligado não só com a escola e com a docência, mas também da autoria de um *personagem político*, envolvido com os problemas sociais do seu tempo.

A questão do tempo histórico no qual Theobaldo publicou sua obra é uma observação digna de nota. Fazemos referência à ascensão da ideologia totalitária do Estado Novo, na ditadura de Getúlio Vargas e à ambiência cidadina do Rio de Janeiro, como palco político e social das principais decisões sobre a vida do Brasil. Não deixa de chamar a atenção o fato de Theobaldo Miranda Santos assumir a direção da secretaria de educação do Distrito Federal na vigência do regime ditatorial.

Na Análise do Discurso, a *intertextualidade* tem de ser estudada com especial atenção, apontando os diálogos que o autor estabeleceu em seu texto. Essa temática aparece no terceiro parágrafo, em que Theobaldo citou a importância atribuída pelo “movimento pedagógico contemporâneo” ao “estudo da filosofia da educação” nos cursos de “formação de professores”. Ficou implícita a destinação que o autor quis conferir ao seu livro, isto é, ao estudo da filosofia da educação nos

²⁹ SANTOS, Theobaldo Miranda. *Filosofia da educação: os grandes problemas da pedagogia moderna*. Rio de Janeiro: Edições Boffoni, 1942, p. 7.

cursos de formação de professores, nos cursos de licenciatura ou na escola normal (magistério). Mais adiante, o autor prosseguiu afirmando que o estudo da filosofia da educação estava: “colimando não só a formulação das finalidades do processo educativo”, mas também, “como a crítica dos postulados da ciência e da técnica da educação”. Temos a adequação da filosofia da educação com a formação moral, ou seja, com uma *teleologia* do processo educativo. Não deixa de ser salutar o fato de Theobaldo conceber a educação como *processo*, inserida em um *movimento pedagógico contemporâneo*. Assim, a educação tem uma concepção dinâmica, ativa e próxima até mesmo da dialética de Hegel.

Cabia à educação, segundo o discurso pedagógico de Theobaldo, uma espécie de formação moral, das finalidades do processo educativo, a crítica dos “postulados da ciência” e da “técnica da educação”. Tal definição está nitidamente em sintonia com o projeto de uma filosofia da educação “católica”, de forte ênfase “espiritualista” e “humanista” (CURY, 1984). A crítica dos “postulados da ciência” e da “técnica da educação” traduz os termos de um embate entre católicos e liberais na educação brasileira do período. O enfrentamento do positivismo, em voga no país até mesmo como religião, e de sua mentalidade cientificista era uma das preocupações dos intelectuais católicos dessa época.

Segundo a compreensão de Theobaldo, a filosofia da educação deveria ser tratada como objetivo da educação e não como problema. Sabemos do caráter especulativo e racional presente nos estudos de filosofia. O autor, contudo, preferiu considerá-la sob o seu aspecto “doutrinal”, ou dos “objetivos”. Isso parece estar em

contradição com sua intenção de conceber a educação como *processo* e a pedagogia como *movimento*.

O aspecto da *intertextualidade* precisa ser explorado no discurso. Identificar as *vozes* que habitam o texto, ou o *dialogismo* do autor, são questões importantes. O terceiro parágrafo da “advertência” tem um forte teor autoritário. Assim, podemos entender o discurso autoritário: “é aquele em que a reversibilidade tende a zero, estando o objeto do discurso oculto pelo dizer, havendo um agente exclusivo do discurso e da polissemia contida. O exagero é a ordem no sentido militar, isto é, o assujeitamento no comando”.³⁰

Para Bakhtin (2009), a língua estrangeira é autoritária diante da língua materna. Nesta parte do discurso, Theobaldo Miranda Santos citou o intelectual norte-americano Thomas Edward Shields, professor da Universidade Católica de Washington. O discurso de outrem, ou citado, como nos afirmou Bakhtin, assume conotações autoritárias porque Theobaldo não traduziu a frase utilizada para a língua materna. Como seu livro era voltado para a formação de professores, tivemos certa imposição da língua inglesa para os alunos. A frase utilizada dizia que a filosofia da educação “is the basic element in the professional training of the teacher”, ou seja, “é o elemento básico no treinamento do professor”. Como o texto não veio acompanhado de uma tradução ou de uma nota que explicasse seu sentido para o leitor brasileiro, o discurso de Theobaldo ganha feições de arrogância e de autoritarismo.

Outra discussão possível é problematizar o que Theobaldo entendeu

³⁰ ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento*: as formas do discurso. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 163.

POR UMA ORIENTAÇÃO FILOSÓFICA NÍTIDA E SEGURA: UM ESTUDO DO DISCURSO PEDAGÓGICO DE THEOBALDO MIRANDA SANTOS

por formação de professores. A formação seria um *treinamento* do professor? Como a filosofia da educação, que deveria criticar a técnica da educação, poderia estar a serviço do treinamento do professor? Não seria mais uma contradição de seu discurso? Será que Theobaldo quis mostrar que estava em sintonia com a “vanguarda” do pensamento pedagógico da época? Os Estados Unidos aparecem como modelo a ser seguido no que concerne à filosofia educação.

Não deixa de chamar a atenção, do ponto de vista discursivo, o subtítulo que Theobaldo Miranda Santos escolheu para o seu livro: “os grandes problemas da pedagogia moderna”. Como a própria expressão sugere, temos a crítica da pedagogia moderna, o que sintetiza certo pensamento antimodernista, tão próprio da Igreja Católica no século XIX, sobretudo, por meio dos documentos de Pio IX e Gregório XVI. Neles fica evidente a tentativa de refutação do darwinismo, do positivismo e da biologia aplicada à educação.

Na parte final de sua “advertência”, Theobaldo mostrou a importância de seu compêndio por assinalar os “problemas especulativos da educação”. Sua intenção foi assegurar uma orientação filosófica “nítida e segura” sem a qual não seria possível uma educação “eficiente e duradoura”. Mostrou o seu “livrinho” como aquele que destacaria os “fundamentos filosóficos da pedagogia moderna”. Por fim, Theobaldo Miranda Santos apresentou “a harmonia e a vitalidade da educação cristã” a serviço do “engrandecimento do Brasil pela educação”. Tal feito só seria possível se soubéssemos ser “fiéis às tradições espirituais sobre as quais nasceu e cresceu nossa pátria”. O livro, portanto, tem um forte teor nacionalista e “patriótico” e tenta salvaguardar, pela via da educação, o lugar

da Igreja Católica na sociedade brasileira da época.

Considerações Finais

A Análise do Discurso proporciona amplas possibilidades de pesquisa em história da educação. Em nosso trabalho, procuramos demonstrar como é possível a articulação entre essas áreas do conhecimento. A pedagogia, na visão de Foucault, é um ritual de instituição da palavra. Assim, ela pode ser entendida por uma perspectiva discursiva. Alguns dos grandes estudiosos da análise do discurso francesa trataram de alguma forma do discurso pedagógico. Bourdieu (2008) comparou a economia linguística ao mercado escolar. Procuramos apresentar as características do discurso pedagógico e perceber as eventuais modificações que podem ser operadas na pedagogia ao compreendê-la por uma perspectiva discursiva. Tomamos por análise, como forma de um *corpus* textual, a “advertência” escrita por Theobaldo Miranda Santos para apresentar seu livro *Filosofia da Educação: Os Grandes Problemas da Pedagogia Moderna*, publicado em 1942.

Nas definições de Maingueneau e Charaudeau (2008), o manual didático constitui um discurso segundo, próximo da vulgarização. Nos procedimentos de análise, identificamos que a pedagogia também é um mercado que possui mecanismo bem articulado de uma economia simbólica e linguística. Na linguagem de Foucault (2010), ela é um *comércio de sofismas*, que se fundamenta em uma espécie de *logofilia*, na veneração de um discurso e em sua justificação metafísica, inclusive. No caso do discurso pedagógico de Theobaldo Miranda Santos, compreendemos que sua obra é apresentada

através de um *mecanismo de negociação* e de *diálogo*. O autor buscava autorizar e legitimar o seu discurso no campo e no cenário intelectual. Isso também evidencia algum tipo de enfrentamento de ideias no período. O discurso de Theobaldo assumiu feições *autoritárias* na citação que realizou da cultura filosófica norte-americana. O seu manual didático, destinado aos cursos de formação de professores, ao não traduzir a citação feita em língua inglesa mostrou um teor autoritário. Para Bakhtin (2009), a língua estrangeira é autoritária diante da língua materna.

Por fim, Theobaldo mostrou seu vínculo ideológico com o “realismo cristão”

e, do ponto de vista institucional, com a Igreja Católica. A dimensão política do seu discurso foi definida ao apresentar “uma filosofia da educação nítida e segura” para “patentear o desenvolvimento do Brasil”. Sua intenção era mostrar a “harmonia e a vitalidade da educação cristã” a fim de sermos “fiéis às tradições espirituais dentro das quais nasceu e cresceu nossa pátria”. Seu discurso articula filosofia e educação dentro de um projeto político bem delimitado.

Artigo recebido em 05/02/2013

Artigo aceito em 25/02/2013